
**DICIONÁRIO ESCOLAR XERENTE – PORTUGUÊS / PORTUGUÊS – XERENTE:
UMA BREVE ANÁLISE DA MACRO E DA MICROESTRUTURA¹**

**SCHOOL DICTIONARY XERENTE - PORTUGUESE / PORTUGUESE - XERENTE:
A BRIEF ANALYSIS OF THE MACRO AND MICROSTRUCTURE**

Marta Virginia de Araújo Batista Abreu*

Ana Claudia Castiglioni*

Karylleila dos Santos Andrade*

Resumo: Este trabalho volta sua atenção para o Dicionário Escolar Xerente, que é uma ferramenta de consulta utilizada pelos alunos e aprendizes da língua Xerente (Akwe) com o objetivo de analisar alguns aspectos macro e microestruturais deste dicionário, observando os critérios utilizados para que o mesmo tenha sido classificado como um dicionário escolar. Devemos considerar, primeiramente, que a confecção de um dicionário para uma língua possibilita uma contribuição para o conhecimento universal linguístico desta. Outra contribuição decorrente da realização desse tipo de trabalho é a oportunidade que a comunidade falante da língua pesquisada tem de fazer uso de um dicionário como instrumento didático-pedagógico, para trabalho de manutenção e revitalização da língua. Este estudo nos possibilitou abordar brevemente temas relacionados à lexicografia bilíngue, já que a análise de um dicionário escolar bilíngue traz em si a necessidade de estudo a este respeito. Sabemos que a elaboração de um dicionário é um modo eficaz de descrever uma língua, dessa forma, a análise da obra nos remeteu a um conhecimento mais aprofundado sobre a língua estudada.

Palavras-chave: Língua Xerente; Dicionário escolar; Micro e macroestrutura.

Abstract: This paper turns its attention to the Xerente Dictionary School, which is a reference tool used by students and language learners Xerente (Akwe). Our goal is to analyze macro and microstructural aspects of this dictionary, observing the criteria for it has been classified as a school dictionary. Initially We must consider that the making of a dictionary for a language provides a contribution to the knowledge of this universal language. Another contribution resulting from performing this type of work is the opportunity that the community has researched speaker of the language to make use of a dictionary as didactic-pedagogic instrument for maintenance work and language revitalization. This study allowed us to briefly address issues related to bilingual lexicography, since the analysis of a bilingual dictionary school brings with it the need to study in this regard. We know that the development of a dictionary is an effective way to describe a language, thus the analysis of the work sent us to a deeper knowledge of the language studied.

Keywords: Xerente language; Dictionary school; Micro and macrostructure.

¹ Este artigo é resultado do trabalho final da disciplina de Lexicografia e Lexicologia do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, ministrada pelas professoras Karylleila dos Santos Andrade e Ana Claudia Castiglioni.

*Universidade Federal do Tocantins. Aluna do Programa de Pós Graduação em Letras. E-mail martavirginia@uft.edu.br.

*Universidade Federal do Tocantins. Professora do Curso de Letras. E-mail: anacastiglioni@hotmail.com.

*Universidade Federal do Tocantins. Professora do Programa de Pós Graduação em Letras. E-mail: karylleila@gmail.com.

Introdução

Baseado na ideia de que o dicionário não deve ser conceituado como o alicerce de uma língua (XATARA *et al.*, 2001), este trabalho volta sua atenção para o Dicionário Escolar Xerente, que é uma ferramenta de consulta utilizada pelos alunos e aprendizes da língua Xerente (*Akwẽ*). O nosso objetivo é analisar alguns aspectos macro e microestruturais deste dicionário, observando os critérios utilizados para que o mesmo tenha sido classificado como um dicionário escolar.

Devemos considerar, primeiramente, que a confecção de um dicionário para uma língua possibilita uma contribuição para o conhecimento universal linguístico desta. Outra contribuição decorrente da realização desse tipo de trabalho é a oportunidade que a comunidade falante da língua pesquisada tem de fazer uso de um dicionário como instrumento didático-pedagógico, para trabalho de manutenção e revitalização da língua.

Por meio deste trabalho, foi possível abordar brevemente temas relacionados à lexicografia bilíngue, uma vez que a análise de um dicionário escolar bilíngue traz em si a necessidade de estudo a este respeito. Sabemos que a elaboração de um dicionário é um modo eficaz de descrever uma língua, dessa forma, a análise da obra nos remeteu a um conhecimento mais aprofundado sobre a língua estudada.

Antes, porém, da análise propriamente dita, faz-se necessário conhecermos um pouco sobre o povo Xerente e a sua língua. Logo após dissertaremos sobre alguns conceitos básicos concernentes a lexicografia bilíngue e dicionários escolares. Finalmente nos dedicaremos aos elementos que constituem a macro e a microestrutura de um dicionário. A partir desses princípios, é que analisaremos o dicionário citado.

1. O povo Xerente e a sua língua

Os Xerente, também conhecidos como *Akwẽ*, são um povo indígena que habita a margem direita do Rio Tocantins, próximo à cidade de Tocantínia - Tocantins. O termo “*Akwẽ*” designa “o mais notável”, “gente”, o que revela o orgulho do povo Xerente por sua identidade étnica que os faz diferentes dos demais povos. O território Xerente - composto pelas Terras Indígenas Xerente e Funil - localiza-se no cerrado do Estado do Tocantins, no lado leste do rio Tocantins, a 70 km ao norte da capital, Palmas. Segundo dados oficiais da FUNASA (2010), a população Xerente é constituída de aproximadamente 2.922 indígenas, distribuídos em 59 aldeias que integram as reservas indígenas daquela região, com 183.542

hectares de área demarcada. O povo Xerente tem tido contato com a sociedade não indígena há mais de 100 anos. São hábeis no artesanato em trançado. Com a palha de Babaçu, capim dourado e a seda do Buriti, produzem cestas, balaios, bolsas, esteiras e enfeites para o corpo.

Abaixo, no mapa, encontra-se localizado o município de Tocantínia, onde se situam as terras indígenas Xerente.



Figura 1 – Localização do município de Tocantínia²

A cidade de Tocantínia tem sido, ao longo desse século, palco de tensões entre a população local não-indígena e Xerente. Desde a fundação do Estado do Tocantins, em 1989, seu território é foco das atenções regionais (e nacionais) devido a sua localização estratégica. Braggio (2004) relata que a invasão das terras indígenas Xerente pelos não-indígenas é muito comum, pela facilidade de acesso a essas terras proporcionado pela construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães e pela consequente mudança no modo de produção e sustentação Xerente. Isto faz parte de um movimento maior de destruição geral das regiões do cerrado pelas lavouras mecanizadas de arroz, milho e soja, tornando-as improdutivas num período de cinquenta anos. Para Braggio (2004, p.7), “o que hoje pode parecer um benefício, as lavouras de arroz e milho mecanizadas nas terras indígenas Xerente, no futuro poderá ser um golpe fatal na economia desse povo e em tudo mais que isso acarreta.”

² Mapa disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tocantins_Municip_Tocantinia.svg. Acesso em julho de 2011.

Conforme Sousa (2010), os Xerente habitavam nas proximidades do rio Tocantins e “estiveram em constantes situações de contato interétnico com não indígenas, precisamente desde 1785”. O mesmo autor afirma, ainda, que as ocorrências de conflito culminaram na divisão deste povo em Xavante e Xerente. E complementa dizendo que o nome “Xavante identificou o grupo que decidiu em 1824 isolar-se, migrando da bacia do Tocantins para os campos do Rio das Mortes, em Mato Grosso e que os Xerente se fixaram na margem direita do rio Tocantins”. Depois disso, o contato dos Xerente com a língua portuguesa foi intensificado, aumentando gradativamente as diferenças linguísticas entre os grupos Xavante e Xerente, o que acabou provocando o aparecimento de duas línguas diferentes, a Língua Xavante e a Língua Xerente (Akwẽ).

Os Xerente falam a língua Akwẽ pertencente à família Jê e ao grupo linguístico Macro-Jê. É uma língua basicamente aglutinante e SOV³. O povo Xerente também pode ser classificado, do ponto de vista sociolinguístico, como bilíngue, já que a maioria de seus membros domina e usa a língua nativa e a língua portuguesa (BRAGGIO, 1997). Com exceção de algumas mulheres idosas e de crianças com idade inferior a sete anos, mais ou menos, todos os Xerente falam a Língua Portuguesa além da própria língua. A língua Xerente é das uma das línguas ameaçadas de extinção, pois vive sob um processo de forte pressão da Língua Portuguesa.

No século XX, na década de 50, os missionários de confissão Batista foram os primeiros a analisarem e documentarem a língua Xerente. Em 1965 o pastor Rinaldo Mattos chegou à aldeia Porteira e foram iniciados estudos linguísticos acerca da língua Xerente. Sousa (2010, p.72) relata que “o pastor Rinaldo descreveu a fonologia da língua, estabelecendo a ortografia utilizada na alfabetização dos indígenas e na tradução da Bíblia”. Em 1982, o pastor propõe a formação de monitores bilíngües dentro do modelo de ensino bilíngüe e bicultural definido pelo SIL – Summer Institutes of Linguistics.

Sobre a língua materna Xerente, Braggio (2000) diz que ela tem algumas variações no que se refere ao que é falado pelos indígenas mais jovens e o que é falado pelos indígenas mais velhos e que essa diferença é nítida. Isto ocorre porque a língua Xerente falada pelos indígenas mais jovens possui termos originados por processos de empréstimo, neologismos e adaptação fonológica procedentes da Língua Portuguesa.

Segundo Guimarães (2002, p.78), o uso da língua Xerente está associado ao projeto de manutenção da tradição do povo. O sentido do bilinguismo para os Xerente está sintetizado

³ Sujeito + Objeto+ Verbo

no entendimento de que as crianças precisam aprender as duas línguas para poder conhecer as leis dos indígenas e dos não-indígenas. Ainda de acordo com a autora, os Xerente não admitem a perda do uso da língua, que seria a maior manifestação da diferenciação cultural dos Akwẽ. Nesta argumentação, a língua é a principal marca da identidade étnica.

Para alcançarmos o objetivo deste trabalho, far-se-á necessário, expor e discutir os parâmetros básicos para a concepção de um dicionário escolar bilíngue.

2. A lexicografia bilíngue

Muito mais do que simplesmente obras de consulta para a aquisição de informações sobre duas línguas, os dicionários bilíngues nos dão a dimensão da importância de uma determinada língua. Segundo as proposições de Schmitz (2001, p.167) “pode-se avaliar a importância de uma determinada língua levando em conta o número de dicionários bilíngues existentes”. Vários lexicógrafos mencionam os dicionários bilíngues como as primeiras obras lexicográficas e tem como público-alvo geralmente aprendizes de língua, professores e tradutores, cujas necessidades incidem em compreender e produzir textos, expressar-se oralmente e/ou realizar traduções.

O objetivo da lexicografia bilíngue, segundo Xatara, Riva e Rios (2002) “é buscar equivalências para as unidades léxicas, com o intuito de preencher as lacunas deixadas pelas barreiras linguísticas, tendo consciência, contudo, da impossibilidade de exaustão de tais significados”. Entretanto, esta não tem em vista somente a indicação de equivalentes, mas tem como propósito, também, garantir a exatidão na tradução de palavras que melhor definam, na língua de chegada, a noção apresentada na língua de origem (XATARA, 1998).

A respeito da confecção de dicionários bilíngues, Damim e Miranda (2005) acreditam que isso demanda a observação de alguns aspectos, tais como: o público-alvo, as particularidades da língua, a direcionalidade e finalidade da obra.

Sobre a estrutura de um dicionário bilíngue, Carvalho (2001, p.64) considera que “para uma melhor compreensão dos componentes do dicionário bilíngue, os lexicógrafos costumam subdividi-lo em macro e microestruturas”, sendo que “a primeira refere-se ao lema e a segunda corresponde a estrutura interna do verbete. Juntas, estas estruturas formam um texto lexicográfico”. Sendo facultada a cada lexicógrafo a definição da macroestrutura e a microestrutura que constituirá a sua obra. Welker (2004, p.200) menciona que os dicionários bilíngues podem ter uma ou duas direções: “O dicionário *monodirecional* dirige-se a aos

falantes de apenas uma das duas línguas, ao passo que o *bidirecional* deve servir aos falantes de ambos os idiomas”.

No próximo tópico faremos uma breve consideração a respeito dos dicionários escolares.

2.1 Os dicionários escolares no âmbito da lexicografia

Os trabalhos lexicográficos sempre foram apreciados ao longo dos tempos, não somente por terem a finalidade de registrar o acervo cultural e científico de uma sociedade, mas também pelo seu caráter pedagógico. Dessa forma, ganha notoriedade um ramo da Lexicografia, a lexicografia pedagógica, que se volta cada vez mais para organização de dicionários direcionados para a sala de aula e para o ensino-aprendizagem de uma Língua Materna ou de Língua Estrangeira. Atentando-se para o elevado número de informações que podem ser observadas por meio do dicionário, torna-se indiscutível a sua importância como instrumento didático, uma vez que configura-se como um instrumento auxiliar na ampliação de competências elementares para todo o aprendizado.

Mesmo que não haja um consenso acerca do que é um “dicionário escolar”, podemos começar a definir esse tipo específico de instrumento lexicográfico conforme conceitua Biderman (2001, p. 131-132). A autora nos garante que dicionário escolar é um dos tipos do chamado dicionário geral da língua, explicando que o aspecto diferenciador destes é “o total de entradas, ou verbetes reunidos”. Enquanto o dicionário-padrão apresenta geralmente mais de 50.000 palavras-entrada podendo ultrapassar o número de 70.000, o dicionário escolar apresenta, aproximadamente, 25.000 entradas.

Os dicionários escolares, assim como os dicionários de língua geral, se dispõem em dois eixos básicos: macro e microestrutura. Segundo Xatara (2001) “a macroestrutura compreende introdução, nomenclatura, entradas, apêndices, anexos e tabelas”, ao passo que a microestrutura “contém a transcrição fonética de cada entrada, sua classificação morfológica, sua definição ou apenas equivalência, contextos para ilustrar o uso da palavra-entrada (por meio de exemplos forjados ou abonações).”

Tendo feitos essas considerações partiremos, a seguir, para a análise do Dicionário Escolar Xerente, observando os aspectos macro e microestruturais, para então verificarmos em que medida ele atende aos princípios estudados até aqui.

3. Dicionário escolar Xerente – Português / Português – Xerente: Aspectos da macro e microestrutura

O Dicionário Escolar Xerente – Português / Português - Xerente (Akwẽ Mrmẽze – Ktâwankõ Mrmẽze / Ktâwankõ Mrmẽze - Akwẽ Mrmẽze) publicado em 1994 é uma iniciativa dos missionários catarinenses Wanda Braidotti Krieger e Guenther Carlos Krieger. Para impressão e edição desta obra, os autores contaram com o apoio da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, do Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, do Colégio Batista de Bauru e do Summer Institute of Linguistics do Rio de Janeiro.

A obra lexicográfica em foco está organizada em um volume com aproximadamente 4.000 entradas traduzidas do Xerente para o Português e 1.200 entradas traduzidas do Português para o Xerente.

Segundo os autores, a obra se destina a professores e alunos das escolas da Área Indígena Xerente, especificamente aos que tem dificuldades na grafia de sua língua e do Português. Apesar de reconhecerem as limitações da obra lexicográfica em tela, Krieger e Krieger (1994) esperam que esta “possa ser útil a quantos vierem a se interessar pelo estudo do idioma Xerente”. Manifestam, ainda, o desejo de, por meio desta obra, dinamizar a educação intercultural no meio do povo Xerente.

Os coordenadores do dicionário relatam que a análise fonêmica presente no dicionário foi baseada na análise feita por Rinaldo de Matos (1973) e publicada pelo Summer Institute of Linguistics. A partir desta análise foi criado para a língua Xerente “um alfabeto prático o mais simples possível sem, todavia, abandonar a premissa de se ter para cada som um símbolo e para cada símbolo um som” (KRIEGER; KRIEGER, 1994, p. XII).

Para que o alfabeto fosse instituído, foram realizados inúmeros testes por vários anos em sala de aula, assim como com leitores individuais (KRIEGER; KRIEGER, 1994, p. XIII). Antes de se chegar à grafia que é usada hoje na Área Indígena Xerente, ocorreu um processo muito longo, mas puderam contar com a contribuição de professores indígenas bilíngües. O alfabeto prático da língua Xerente é composto por doze consoantes (b, d, h, k, m, n, p, r, s, t, w, z), nove vogais orais (a, â, e, ê, i, o, ô, u, û) e cinco vogais nasalizadas (ã, ã, î, õ, ã).

Nos tópicos a seguir, descreveremos a elaboração da macro e da microestrutura do Dicionário Escolar Xerente.

3.1 Macroestrutura

Apropriando-nos da declaração de Welker (2004, p.80) de que as partes que formam a macroestrutura dos dicionários “não têm posição fixa,” podemos conceituá-la como a organização vertical das entradas, por ordem alfabética, etimológica, de assuntos, de campos léxicos e semânticos etc. É formada, basicamente, por três partes: as páginas iniciais, o corpo do dicionário e as páginas finais. Nas páginas iniciais encontramos a apresentação, o prólogo, a introdução, as orientações para o uso da obra, a lista de colaboradores e as abreviaturas (PONTES, 2000, p. 56).

Analisando as páginas iniciais do Dicionário Escolar Xerente, podemos constatar que elas se dividem em quatro partes:

a) um agradecimento aos consultores externos do Dicionário e ao apoio cultural dado pelos Colégios Batista;

b) um prefácio de autoria de Wanda Braidotti Krieger e Guenther Carlos Krieger no qual eles relatam o propósito deles que é ajudar professores e alunos da Área Indígena Xerente em suas dificuldades na grafia de sua língua e do português;

c) uma lista de abreviaturas e sinais convencionais utilizados no Dicionário;

d) uma seção dedicada a orientar os eventuais leitores na consulta da obra. Nesta seção também há um alfabeto fonético devido à presença de transcrição fonética para os verbetes.

Por sua vez, as páginas finais, na maioria das vezes, são constituídas por anexos, apêndices, tabelas, bibliografia etc. Observamos que nas páginas finais do Dicionário Xerente encontramos apenas um apêndice. Neste apêndice constam:

a) uma lista com nomes próprios femininos e masculinos no idioma Xerente;

b) uma relação de topônimos;

c) singularidades da cultura Xerente; e

d) alguns exemplos de conjugação de verbos no Indicativo Eventual Futuro.

Uma informação bastante pertinente é a que o dicionário em tela não apresenta as fontes bibliográficas nas páginas iniciais ou finais. Foram analisadas duas obras para que esta informação fosse confirmada.

A respeito da organização das entradas no dicionário, Haensch (1982, p.401) acredita que o critério principal para escolha das entradas do dicionário deve ser a frequência. Em referência à seleção de palavras do Dicionário Xerente, observa-se que não foram escolhidas somente as mais frequentes, mas praticamente todas as palavras que fazem parte

do léxico da Língua Xerente. É importante ressaltar que embora o dicionário seja bastante completo para a língua que abriga, há inúmeros neologismos e empréstimos que já fazem parte da língua Xerente e que não foram contemplados pela obra. Acreditamos, portanto, que o dicionário não garante a representatividade do acervo lexical da língua em questão.

Sobre as formas das entradas, geralmente escolhe-se a forma básica do lexema (WELKER, 2004, p.91). Por exemplo, no caso dos verbos usa-se o infinitivo, para os substantivos e adjetivos usa-se a forma masculina. Um fato que deve ser destacado é que a obra em foco não informa os seus leitores nada sobre a função sintática dos verbos dicionarizados se, por exemplo, um determinado verbo é transitivo ou intransitivo.

Podemos verificar que uma grande quantidade de vocábulos no Dicionário Escolar Xerente tem "entradas diferentes", a saber:

(a) os homônimos ($b\hat{a}^1 = \text{cauda}$, $b\hat{a}^2 = \text{sucuri}$);

(b) os substantivos com formas masculinas e femininas diferentes (*kwatbremiti - menino/baknõ - menina*).

Tendo feito uma consideração geral a respeito da macroestrutura do Dicionário Escolar Xerente, passo a tecer, na próxima parte, comentários sobre a microestrutura da obra em questão.

3.2 Microestrutura

A microestrutura de um dicionário escolar, de acordo com Pontes (2000, 56-58), abrange uma série de informações, organizadas horizontalmente, constituindo o verbete. Ela varia de uma obra para outra, entretanto, a mesma deve ser conservada no interior do dicionário. Compreende a construção interna dos verbetes, apresentando informações como: entrada, informações gramaticais, definição, exemplo de uso, marcas de uso e remissivas.

O Dicionário Xerente apresenta, após a entrada, a informação gramatical indicando sua classe gramatical (substantivo, verbo, adjetivo, advérbio), a equivalência da palavra Xerente em português e as suas variações de significado. Cabe salientar que as entradas são apresentadas em uma sequência de palavras postas em ordem alfabética linear, que consiste em seguir estritamente a ordem alfabética.

Algo que um leitor atento observa ao consultar o Dicionário Escolar Xerente é o fato de que a referida obra não apresenta a transcrição fonética de todos os vocábulos registrados. Os dicionários monolíngues, geralmente, não fornecem a pronúncia dos vocábulos neles

registrados com exceção da pronúncia de palavras de origem estrangeira. O fato, porém, chama a atenção por se tratar de um dicionário bilíngue. Considerando que existem pessoas que pretendem estudar e pesquisar sobre a sociedade indígena Xerente, a transcrição da pronúncia das palavras dicionarizadas na obra contribui para a utilidade dela para eventuais aprendizes. As remissivas no Dicionário Xerente também não são apresentadas para o consulente.

Nota-se, ainda que o Dicionário Escolar Xerente abrange um vocabulário amplo, porém não fornece abonações ou exemplos. Teria sido útil fornecer abonações para o público alvo, isto é, a professores e alunos das escolas da Área Indígena Xerente e interessados em estudar a língua em foco.

Considerações finais

Por fim, lembramos que o desenvolvimento das ciências voltadas ao ensino de línguas impulsionou mudanças no conteúdo e na forma dos dicionários escolar bilíngues, adaptando-os para satisfazer as necessidades dos aprendizes de outra língua. No entanto, devido à diversidade de perfis de aprendizes, não é possível generalizar quanto ao desenho de um dicionário escolar bilíngue ideal, pois para delimitar um projeto de dicionário, é necessário considerar as características do público-alvo do dicionário e o contexto no qual ele está inserido. Ou seja, deve-se precisar quais necessidades do aprendiz o dicionário pretende atender (para suporte à codificação ou à decodificação), qual seu nível de aprendizado, qual a faixa etária do aprendiz, quais as dificuldades peculiares que os falantes de sua língua materna têm no aprendizado da língua em questão, etc.

Levando em considerações todos esses quesitos, que são relevantes para a elaboração de um dicionário escolar bilíngue, não podemos deixar de ponderar que o Dicionário Escolar Xerente foi elaborado em 1994 e talvez isso justifique a falta de muitos dos elementos citados anteriormente. Devemos considerar, ainda, que na época que ele foi confeccionado, ele atendia as necessidades de uso. Portanto, acreditamos que o Dicionário Escolar Xerente é um instrumento útil na sala de aula das aldeias que compõem Área Indígena Xerente. Certamente, ele é um produto importante no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e interessados em aprender a língua Xerente.

Referências

- BEVILACQUA, C. R. Lexicografia Bilíngue: aspectos teóricos e reflexões sobre os dicionários bilíngues português-espanhol e espanhol-português. In: ROTTAVA, L.; SANTOS, S. S. dos. (Org.). *Ensino-aprendizagem de línguas*: LE. Ijuí: Unijuí, 2006. v. 1, p. 107-138.
- BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 131-144.
- BRAGGIO, S. L. B. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *Revista da Abralín*. Maceió-AL, UFAL, v. 1, n. 20, p. 139-172, 1997.
- _____. Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo In: *Contribuições da linguística para o ensino de línguas*. Goiânia: UFG, 1999.
- _____. A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistência. In: *Museu Antropológico*. Goiânia: UFG, 2000.
- _____. *Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente-Akwe*: uma visão comparativo-histórica dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os atuais. Goiânia, 2004.
- DAMIM, C; MIRANDA, F.B. Elementos para uma escolha fundamentada de dicionários bilíngues português / inglês. *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo: Unisinus. Ano II, nº 3, set/dez, 2005.
- KRIEGER, G. C ; KRIEGER, W. B. *Dicionário Escolar Xerente – Português; Português – Xerente*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.
- FERNÁNDEZ, D. A. La investigación sobre el uso del diccionario en el ámbito escolar. In: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2007, p. 169-192.
- GUIMARÃES, Susana Martelletti Grilo. *A aquisição da escrita e diversidade cultural*: a prática de professores Xerente. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2002.
- HAENSCH, G. Wolf. *La Lexicografía de la lingüística teórica a la práctica*. Madrid, 1982.
- MIRANDA, F. B. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2007, p. 261-272.

PONTES, A. L.. Mecanismos de explicação em dicionários escolares. In ARAGÃO, M. S. S.; PONTES, A. L.; FARIAS, M. E. P. (orgs.). *Tópicos em lexicologia, lexicografia e terminologia*. Fortaleza: UFC, 2003, p. 636-654.

SCHMITZ, J. R. A problemática dos dicionários bilíngües. OLIVEIRA, A.; ISQUERDO A. (Org) *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, Campo Grande: Editora UFMS, 2ª ed, 2001. p. 161-169.

SOUSA Filho, Sinval Martins de. *Aspectos morfossintáticos da língua akwe - Xerente*. Goiânia, 2010.

XATARA, Cláudia Maria. Os Dicionários Bilíngües e o Problema da Tradução. OLIVEIRA, A. M. P. de.; ISQUERDO, A (Org.) *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, Campo Grande: Ed. UFMS, 2ª ed., 2001. p. 181-188.

____; RIVA, Huelinton C.; RIOS, Tatiana Helena C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 183-194. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.hp/tradução/article/view/5892/5572>>. Acesso em: 03/08/ 2011.

WELKER, H., A. *Dicionários - Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

Artigo recebido em abril de 2013.

Aceito em julho de 2013.